

## **Fazer mais com menos desafia empresas, diz Golfarb, da Ford**

*Sonia Moraes*

A nova política industrial que será anunciada hoje pelo governo deverá ter um foco maior à inovação, segundo previsão de Rogelio Golfarb, diretor de Assuntos Governamentais da Ford América do Sul.

"A elevação do preço das commodities e a pressão inflacionária no mundo deverão provocar uma redução da demanda mundial e isso fará aumentar a pressão internacional para a exportação. Portanto, para que o Brasil seja competitivo nas exportações é preciso mais incentivos para a área de pesquisa", destacou Golfarb.

A pesquisa de engenharia é um dos pontos de grande interesse da Ford, segundo Golfarb. Na sua opinião, a engenharia será o motor do futuro, "pois só será possível combater a forte pressão dos custos com a criatividade".

O desafio das empresas, segundo Golfarb, é fazer mais com menos. "F. isso só se consegue com uma engenharia dinâmica Não é preciso tirar itens do automóvel Mas é possível embutir mais conforto com custos menores, preço acessível e qualidade. Esse processo vai depender muito da engenharia".

Segundo o diretor da Ford, a economia mundial vai crescer em cima dos países emergentes. Até 2007 esse mercados contribuirão com 70,2% do Produto Interno Bruto (PIB), enquanto os Estados Unidos e Europa juntos tiveram 17,2% de participação. "A China, a Índia e a Coreia estão investindo muito em engenharia e o Brasil precisa se preparar para evoluir neste setor", diz Golfarb.

Segundo Valter Pieracciani, da Pieracciani Consultoria, há 15 anos voltada para gestão da inovação, o Brasil ainda está muito abaixo da China no investimento em Pesquisa e Desenvolvimento. "Enquanto a China investiu US\$ 115 bilhões em P&D (o que corresponde a 1,3% do PIB), o Brasil destinou no mesmo ano US\$ 13 bilhões, 0,9% do PIB".

Pieracciani recorre a fontes do Banco Mundial que indica investimentos no mundo de US\$ 1 trilhão em pesquisa e desenvolvimento que mobilizam 10 milhões de cientistas para uma produção anual em torno de 15 mil artigos científicos.

Ele comentou também que a pesquisa da The Economist Intelligence Unit realizada em 2004 destacou que o Brasil é identificado como o sexto destino preferencial para receber investimentos em pesquisa e desenvolvimento. Em primeiro está a China, seguida dos Estados Unidos e da Índia.

### **Inovação aperfeiçoada**

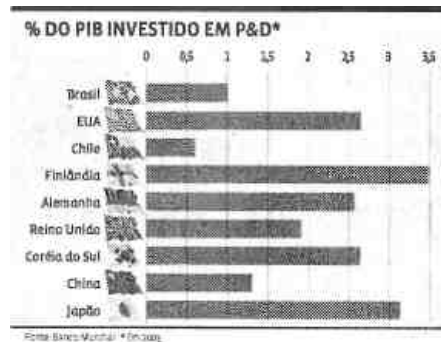
Para Pieracciani, a inovação será a arma da competição nos próximos 15 anos. "Em 2003, a primeira política industrial anunciada pelo governo teve como principal pilar a inovação. A segunda, anunciada em 2005, teve como foco os incentivos à inovação que ofereceu às empresas um aumento de 4% para até 34% de abatimento no Imposto de Renda. Na política industrial que será anunciada hoje deverá conter um aperfeiçoamento aos incentivos para a inovação, com investimento maior a ser destinado à pesquisa das empresas no País", prevê o consultor.

### **Competitividade reforçada**

O presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Jackson Schneider, disse que a indústria automobilística não fez reivindicações, mas sugeriu alguns pontos importantes para o novo programa. "O primeiro deles é a importância de reforçar a competitividade da indústria automobilística nas exportações, que pode ser conseguido com medidas tributárias. Outro ponto se refere ao aumento de produção. Para

isso, é preciso ter mecanismos para reforçar os investimentos. Tem ainda o estímulo à engenharia e ao desenvolvimento do automóvel no Brasil", destacou Schneider.

"O Brasil tem condições de competir nessa área. Já vemos isso em algumas montadoras, que trouxeram seus centros de desenvolvimento para o Brasil. Dos cinco centros de desenvolvimento que a Ford tem no mundo, um está instalado em Camaçari (BA), onde emprega mais de 1.200 engenheiros. A General Motors tem o seu centro de criação instalado em São Caetano do Sul e a Volkswagen em São Bernardo do Campo, ambas no ABC Paulista. Colaborou Ana Paula Machado



### **"Pacote não é grandioso, mas gosto do jeito que está"**

EBENE RAMOS | RECIPE

A nova política industrial que o governo federal apresenta hoje é bem vista pelo vice-presidente da GM do Brasil e Mercosul, José Carlos Pinheiro Neto. Entre as alterações fiscais para favorecer os investimentos, aparecem a depreciação acelerada, onde as indústrias poderão abater num prazo menor que o atual as despesas com a compra de máquinas e equipamentos; o aumento do prazo de recolhimento de impostos e a redução do custo do dinheiro do INDES para projetos de exportação. Esses pontos atenderão à parte das expectativas da indústria automotiva, segundo Pinheiro Neto, ex-

presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea). "O pacote não é grandioso, tem um alcance limitado, mas gosto do jeito que está. Uma política que definisse tudo iria engessar o setor automobilístico", comenta o vice-presidente da GM. Embora considere o pacote aquém do esperado, ele diz que qualquer medida que reduza os custos de produção é muito bem-vinda, lembrando ainda que sobre o carro popular, a carga tributária chega a 30%, subindo para 40% nos carros médios. "Nos Estados Unidos, a carga é de 6%. Lá o governo entende que o carro gerará outros impostos ao longo de sua vida útil", declara.

Fonte: Gazeta Mercantil, São Paulo, 12 mai. 2008, Política Industrial, p. A4